

Fátima: um acontecimento narrativo.

Experiência e linguagem

Fátima: a narrative event. Language and experience

ANTÓNIO MANUEL ALVES MARTINS*

Resumo

A aventura crente vive da releitura dos textos fundadores que codificaram numa linguagem uma experiência originária que se torna arquetípica do viver crente. Experiência, narrativa, linguagem são termos estruturantes da nossa reflexão e que, mutuamente, se implicam. A experiência fundadora de Fátima, protagonizada pelos três videntes em 1917, foi codificada no texto *Memórias* da Irmã Lúcia, passados 20 anos. Este texto é um (re)dizer essa mesma experiência em novos contextos existenciais e culturais. Fátima configura-se, pois, como uma experiência hermenêutica, como uma narrativa que se oferece a novas interpretações, numa fundador e novas apropriações existenciais?

O nosso trabalho estrutura-se em quatro pontos. No primeiro, precisamos o âmbito do *corpus* bibliográfico que constitui o objeto do nosso estudo: um total de 16 publicações, publicadas entre 2015 e 2017, que inclui 9 livros e seis números da revista publicada pelo Santuário, *Fátima XXI*, valorizando, sobretudo, os artigos dos cadernos temáticos. Na pluralidade das publicações emerge um regresso à narrativa fundadora

* Doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana, Roma; Professor Associado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa; Investigador Integrado do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (CITER), da Universidade Católica Portuguesa; ORCID: 0000-0003-1544-1258; amalvesmartins@sapo.pt.

da experiência dos Pastorinhos, e consequente valorização da dimensão antropológica dos mesmos (segundo ponto). Essa narrativa fundadora está aberta a novas interpretações e narrativas existenciais (terceiro ponto). Quer em sua experiência fundadora, quer em sua tradução existencial pelos peregrinos, a narrativa de Fátima tem uma inscrição corpórea: é uma *passio corporis*/paixão do corpo (quarto ponto).

Palavras-chave: Fátima; Narrativa; Experiência; Corpo; Antropologia teológica.

Abstract

The adventure of believing lives off the re-reading of those founding texts that have codified in language an original experience that becomes archetypal of believe. Experience, narrative, language are structuring terms of our reflection that imply each other. The founding experience of Fátima, lived by the three seers in 1917, would be codified in the text *Memoirs* by Sister Lúcia, 20 years later. This text is a (re)telling of the same experience in new existential and cultural contexts. Does Fátima configure itself, then, as a hermeneutic experience, as a narrative that offers itself to new interpretations, in a circularity between founding event and new existential appropriations?

Our work is structured into four topics. In the first, we specify the scope of the bibliographic corpus that constitutes the object of our study: a total of 16 works published between 2015 and 2017, which includes 9 books and six issues of the magazine published by the Sanctuary, *Fátima XXI*, valuing, above all, the articles of the thematic ones. In the plurality of publications emerges a return to the founding narrative of the Shepherds' experience, and consequent valuation of their anthropological dimension (second topic). This founding narrative is open to new interpretations and existential narratives (third topic). Whether in its founding experience or in its existential translation by the pilgrims, the Fátima narrative has a corporeal inscription: it is a *passio corporis* / passion of the body (fourth topic).

Keywords: Fátima; Narrative; Experience; Body; Theological anthropology.

Introdução

Partimos do princípio, na sequência da filosofia da linguagem e da fenomenologia, que a teologia «não se compreende unicamente como um discurso sobre Deus mas também como um discurso que reflete acerca da linguagem sobre Deus, um discurso sobre uma linguagem que fala humanamente de Deus»¹. Na experiência religiosa e na reflexão teológica que lhe é consequente, está inscrita, como condição intrínseca da sua possibilidade, uma antropologia. A aventura crente vive da releitura/interpretação dos textos fundadores que codificaram numa linguagem uma experiência originária que se torna arquétipo do viver crente. Reinterpretando esses textos fundadores, o crente/o leitor descobre neles novos horizontes de significação a partir dos seus presentes estados de consciência. O texto interpreta o leitor (que se deixa ler a partir dele), mas é também o leitor que, a partir da sua própria existência, interpreta o texto². Experiência, narrativa, linguagem, interpretação são termos estruturantes da nossa reflexão e que, mutuamente, se implicam³.

Assim, a experiência fundadora de Fátima, protagonizada pelos três videntes em 1917, foi codificada no texto *Memórias*, da Irmã Lúcia⁴. Nas sucessivas versões, o texto é uma revisitação da memória, passados 20 anos, narrando e enunciando a experiência com novas aquisições linguísticas

¹ Claude Geffré, *Croire et interpréter. Le tourant herméneutique de la théologie* (Paris: Cerf, 2001), 14; cf. Geffré, *Le christianisme au risque de l'interprétation* (Paris: Cerf, 1983).

² Cf. Paul Ricoeur, *L'herméneutique biblique*. Prés. et trad. por François-Xavier Amherdt (Paris: Cerf, 2005), com particular destaque para os textos «Le texte comme identité dynamique», 129-144, e «Vers une théologie narrative: sa nécessité, ses ressources, ses difficultés», 326-335.

³ Sobre a promessa de uma teologia narrativa, cf. Johann Baptist Metz, «Breve apologia de la narración», *Concilium* 85 (1973): 222-238; Harald Weinrich, «Teologia narrativa», *Concilium* 85 (1973): 210-221; cf. ainda Jean-Noël Aletti, *El arte de contar a Jesucristo* (Salamanca: Sígueme, 1992); Luís Manuel Leal, *A Teologia como «Memória Narrativa». Uma releitura da proposta teológico-fundamental de Johann Baptist Metz* (Porto: Síndesis, 2017); António Carlos Magalhães, «Narrativa e hermenêutica teológica», *Revista Caminhando* 7 (2002): 6-22; Christoph Theobald, «I racontì di Dio», *Il Regno/Attualità* 2 (2010): 50-62; sobre o conceito de «experiência», sua hermenêutica filosófica e consequências teológicas, cf. Emmanuel Falque, «Expérience et empathie chez Bernard de Clairvaux», *Revue des Sciences Philosophiques et Religieuses* 5 (2005): 655-696; Falque, *Le livre de l'expérience* (Paris: Cerf, 2017), explorando a aliança entre o pensar e o viver, própria da tradição monástica.

⁴ Cf. Lúcia de Jesus, *Memórias*, ed. crítica de Cristina Sobral (Fátima: Ed. Santuário, 2016).

e interpretativas. Fátima configura-se, pois, como uma experiência hermenêutica, como uma narrativa que se oferece a novas interpretações, numa circularidade entre acontecimento fundador e novas apropriações existenciais. Se Fátima vive da evocação e celebração de uma narrativa fundadora, que a hermenêutica teológica e a inteligência do crente verificam e avaliam em sua autenticidade e possíveis desvios, vive também, e daí a sua permanente atualidade, da possibilidade de ser traduzível em novas experiências e vivências pessoais e comunitárias. É uma narrativa que funda novas narrativas.

O nosso trabalho estrutura-se em quatro pontos. No primeiro, precisamos o âmbito do *corpus* bibliográfico que constitui o objeto do nosso estudo. Este primeiro ponto constitui, por assim dizer, o núcleo da nossa investigação. Na pluralidade e diversidade das publicações emerge, como tendência hermenêutica, um regresso à narrativa fundadora da experiência dos Pastorinhos, e conseqüente valorização da dimensão antropológica dos mesmos (segundo ponto). Essa narrativa fundadora está aberta a novas interpretações e narrativas existenciais (terceiro ponto). Cada peregrino, no espaço cénico e ritualizado do Santuário, encarna e pessoaliza em seu próprio corpo, em marcha e em cena, essa tradução existencial da narrativa fundadora, construindo a sua própria. Quer em sua experiência fundadora, quer em sua tradução existencial pelos peregrinos, a narrativa de Fátima tem uma inscrição corpórea: é uma *passio corporis*/paixão do corpo (quarto ponto).

1. O *corpus* bibliográfico do nosso estudo

O objeto do nosso estudo é constituído por 16 publicações: nove livros e seis números da revista *Fátima XXI* (sobretudo os cadernos temáticos, num total de 75 artigos). Os livros analisados foram selecionados, pela nossa parte, a partir de um declarado interesse teológico. Situam-se no âmbito de uma reflexão teológica mais crítica sobre Fátima, ou no âmbito da espiritualidade, enquanto proposta de uma leitura mais existencial da mensagem de Fátima e do espaço/santuário que, contemporaneamente, guarda e atualiza a memória da mesma.

Anotamos algumas evidências: A primeira é a concentração das publicações no ano do Centenário, 2017 (oito), sendo uma de 2015; a segunda é a acentuação de uma dimensão espiritual. A reflexão teológica, propriamente dita, é rara; e mesmo quando surge tende a não se afirmar como um discurso exclusivamente crítico (distanciado), mas propõe-se em relação com a dimensão experiencial e vivencial; a terceira: das nove publicações, oito situam-se no espaço confessional católico e apenas uma se apresenta com uma leitura totalmente crítica e ideológica de Fátima. Das que se inscrevem no espaço confessional católico, uma apresenta a sua singularidade, ao propor uma complementaridade de olhares (entre crentes e não crentes) sobre Fátima; a quarta evidência: cinco destas publicações pertencem à mesma editora católica Paulinas. As publicações mais críticas ou distanciadas sobre Fátima pertencem a editoras «laicas» (Elsinore, Círculo de Leitores, A Esfera dos Livros). O Círculo de Leitores e A Esfera dos Livros oferecem as reflexões mais decididas e desapassionadamente teológicas, objetivas e plurais.

1.1. *Os livros*

1.1.1. Publicações de carácter espiritual

Assinalamos em primeiro lugar a publicação de Manuel Fernando Silva, *Pastorinhos de Fátima*, Paulinas, Prior Velho 2015. O livro é publicado em 2015, tem um prefácio de D. Alberto Cosme do Amaral, com data de 2002, na altura bispo emérito de Leiria. A obra foi escrita na sequência da beatificação dos Pastorinhos, mas só por ocasião do I Centenário aparece publicada. Apresenta-se, sobretudo, como um aprofundamento da vida dos Pastorinhos. Pretende assinalar, num estilo narrativo e biográfico, a singularidade de cada um dos videntes.

Em 2017, assinalamos a publicação de três obras:

– Jean-François de Louvencourt, *A Arte de se Maravilhar com Francisco e Jacinta de Fátima*, Paulinas, Prior Velho 2017 (prefácio da jornalista Aura Miguel). O autor, monge cisterciense belga, oferece-nos nesta obra contextualizada no I Centenário das Aparições uma

significativa aproximação à espiritualidade dos Pastorinhos (Jacinta e Francisco). A chave de leitura para compreender esta aproximação é a categoria de «embaralhamento», o assombro agradecido perante a revelação da beleza das coisas e de Deus. A obra situa-se no campo da teologia espiritual, essa mesma que interpreta a existência a partir da experiência da fé.

– Jean-François de Louvencourt, *Dia a Dia com Francisco e Jacinta de Fátima*, Paulinas, Prior Velho 2017 (prefácio do Cardeal Patriarca Manuel Clemente). É mais uma obra na já vasta produção que este monge cisterciense belga dedica à mensagem de Fátima e à vida dos Pastorinhos. A intenção particular do autor é a dimensão existencial e prática (espiritual) da mensagem de Fátima. A obra, em sua ousada e aparentemente simples construção, pretende oferecer uma meditação inspirada na mensagem de Fátima para cada um dos dias do ano.

– António Rego, *Fátima. Sou peregrino. Um percurso espiritual*, Paulinas, Prior Velho 2017. A obra pretende propor-se, em sua particularidade, como um «manual» para o peregrino. A partir da sua experiência de comentador e realizador, durante mais de 50 anos, das transmissões (pela rádio e pela televisão) das celebrações de Fátima, o autor (padre e jornalista) António Rego oferece-nos uma leitura espiritual (existencial) dos lugares de Fátima, como itinerário a percorrer (viver/celebrar) pelo peregrino. Trata-se de um livro com a finalidade de ajudar «o peregrino a viver a sua peregrinação a Fátima»⁵. O livro oferece a possibilidade de uma linguagem narrativa para o próprio peregrino se narrar e, assim, melhor elaborar o sentido da sua peregrinação.

1.1.2. Publicações de carácter teológico

Agrupamos aqui quatro publicações, sendo a seguinte a única que configura um estudo académico sobre Fátima:

⁵ António Rego, *Fátima. Sou peregrino. Um percurso espiritual* (Prior Velho: Paulinas, 2017), 9.

– Delfim Afonso, *O Segredo de Fátima e os Dramas do Nosso Tempo*, Paulinas, Prior Velho 2017; prefácio de D. José Manuel Cordeiro. A obra é mais uma daquelas que surge no contexto do I Centenário das Aparições. Trata-se da publicação de uma tese de 2.º grau canónico, apresentada na Pontifícia Faculdade *Marianum*, em Roma, no ano de 2001. Neste estudo mariológico o autor, sacerdote monfortino, propõe uma investigação sobre a génese da redação do texto do chamado «segredo de Fátima» a partir da experiência da aparição de 13 de julho de 1917 (a visão do Inferno, a devoção ao Imaculado Coração de Maria e as perseguições à Igreja e ao Papa «o bispo vestido de branco»), bem como uma tentativa de possível interpretação, numa perspetiva de leitura teológica dos dramas históricos do século xx (daí a justificação do título). A obra procura oferecer uma génese (estudo diacrónico) das diferentes versões dos manuscritos do «Segredo» redigidas pela Irmã Lúcia em 1941 e 1943, respetivamente.

– Não sem hesitação integramos no âmbito teológico o contributo de António Marujo – Rui Paulo da Cruz, *A Senhora de Maio. Todas as perguntas sobre Fátima*, Círculo de Leitores, Lisboa 2017. Os vários depoimentos solicitados a teólogos ajudaram a esta categorização que reconhecemos não fazer inteira justiça à obra. Os autores, jornalistas, um na área do espaço religioso (e cristão: António Marujo), outro mais inserido no âmbito da produção de documentários e fotografia (Rui Paulo da Cruz), apresentam a obra conjunta na celebração do I Centenário das Aparições como uma proposta que pretende responder a «todas» as perguntas sobre Fátima. Recolhe, na edição escrita, um conjunto de depoimentos/entrevistas a antropólogos, teólogos, sociólogos, historiadores, pessoas ligadas às artes..., gravados em vídeo, nos anos 1998-1999, para a produção de um documentário aquando da beatificação de Jacinta e Francisco. A obra pretende oferecer uma visão o mais completa possível sobre o fenómeno de Fátima, visto e analisado a partir de perspetivas (ângulos) diferentes.

– Carlos A. Moreira Azevedo, *Fátima: Das visões dos Pastorinhos à visão cristã*, A Esfera dos Livros, Lisboa 2017. Este historiador e bispo é um profundo conhecedor de Fátima; coordenou a *Enciclopédia de Fátima*, publicada em 2007, e presidiu à Comissão Científica da Documentação Crítica de Fátima (1999-2008). Habilitado com as valências de historiador, teólogo e pastor, Carlos Azevedo, na presente obra, propõe uma revisitação histórica do acontecimento-Fátima, bem como uma interpretação atualizada da sua mensagem. A preocupação é, fundamentalmente, hermenêutica: traduzir a linguagem datada de Fátima em novas linguagens, significativas para a cultura e a sensibilidade eclesial contemporâneas. Aspeto importante na obra é a valorização antropológico-teológica da categoria de «visão», em contraposição à atualmente consagrada de «aparição», de modo a sublinhar a dimensão experiencial e interior dos videntes. Este foi, por ventura, o aspeto teológico mais polémico e relevante no debate eclesial acerca de Fátima em 2017.

– João Manuel Duque, *Fátima: Uma aproximação*, Paulinas, Prior Velho 2017. Estamos perante um outro significativo contributo teológico, apresentado na forma modesta de «aproximação». O seu ponto de partida é o «acontecimento Fátima, no conjunto das suas facetas, mais do que simplesmente a mensagem»⁶. O autor propõe uma aproximação, selecionando um percurso com aspetos que considera importantes. Há uma prevalente preocupação de linguagem acessível, dirigida ao grande público, não imediatamente familiarizado com a reflexão teológica. A analogia do santuário estrutura a obra, dividida em três partes: «Pórtico de entrada», «No Santuário», «Para o mundo», sugerindo esse movimento de aproximação, de presença/habitação do sagrado e depois de missão para o exterior. João Duque oferece-nos uma oportuna reflexão teológica, despretensiosa e atualizada, sobre Fátima.

⁶ João Manuel Duque, *Fátima: Uma aproximação* (Prior Velho: Paulinas, 2017), 9.

1.1.3. Publicações de carácter histórico

Pelas referências de carácter histórico (a relação de Fátima com a Guerra Fria), integramos aqui a obra de Paulo Moura, *As Guerras de Fátima. Como as visões da Irmã Lúcia mudaram a política mundial*, Elsinore, Amadora 2017. A obra insere-se também na oportunidade de mercado que oferece o I Centenário das Aparições. O autor, jornalista *freelancer*, apresenta uma abordagem política do chamado «segredo de Fátima» e da sua apropriação no combate à ideologia marxista no contexto da Guerra Fria. O ponto de vista é jornalístico. O texto é claro, de fácil leitura, juntando um pretenso conhecimento histórico com uma viva narrativa jornalística e algumas curiosidades circunstanciais. Avança com a tese simplista de que as aparições marianas foram sempre utilizadas para a afirmação do Papado. Em concreto, as visões da Irmã Lúcia serviram para um eficaz combate ao avanço da ideologia marxista no período da Guerra Fria, numa aliança entre a política do Papado e a mensagem de Fátima (sobretudo no que diz respeito à conversão da Rússia). A obra não oferece particular interesse teológico.

Da leitura e análise das obras acima referidas, podemos tirar duas conclusões:

A primeira: A dimensão de uma teologia narrativa (sobretudo uma teologia espiritual em perspetiva existencial), em nossa leitura, apresenta-se como uma das principais tendências nas obras por nós referidas, em sua diversidade. Predomina a teologia espiritual (Lourencourt, Fernando Silva), mesmo quando esta é cruzada com uma reflexão histórica (Carlos Azevedo) ou com uma reflexão de carácter teológico mais sistemático (João Duque). A dimensão da experiência, quer a dos videntes como fundante, quer a dos peregrinos como reapropriação, reinterpretção e atualização, é perspetiva transversal. Mesmo João Duque, que despretenciosamente procura «explorar as ressonâncias ou os harmónicos do acontecimento de Fátima em alguns temas maiores da tradição teológica – ou vice-versa: a ressonância desses acontecimentos nos acontecimentos e na

linguagem de Fátima»⁷, não deixa de valorizar a dimensão existencial, com traços de testemunho pessoal.

A obra de maior vigor teológico e crítico, por nós assinalado, é a de Delfim Sousa, com seu estudo (diacrónico) sobre a génese das diferentes versões dos manuscritos do «Segredo», redigidas pela Irmã Lúcia. A obra apresenta o acontecimento Fátima como uma aventura interpretativa, de reelaboração da memória a partir de novos contextos existenciais. As *Memórias* configuram-se como a construção (e fixação) de uma narrativa aberta a novas interpretações e traduções (existenciais). O contextual, o existencial, o contemporâneo não ficam de fora do acontecimento hermenêutico de narrar as memórias. Por isso mesmo as *Memórias* podem-se apresentar como «protótipo» de todas as hermenêuticas de Fátima, como elaboração em aberto de um sentido que só pode vir pelo compromisso existencial e vivencial.

Esse regresso a uma antropologia existencial a partir da experiência dos videntes propõe-se como paradigma para que também o crente, ou o peregrino, em suas próprias vivências e condição existencial possa, reelaborar um itinerário crente e, assim, se apropriar pessoalmente da mensagem de Fátima (António Rego). António Marujo e Rui Paulo da Cruz, na sua oferta de uma pluralidade de olhares sobre Fátima, alguns declaradamente críticos e distanciados, reenviam também a sua reflexão para o âmbito do vivencial e do experiencial⁸. Fátima apresenta-se como uma pergunta em aberto (uma provocação) a suscitar novas perguntas, novas respostas e leituras pessoais.

A segunda: Assinala-se a procura de um equilíbrio e uma complementaridade de linguagens interpretativas: a conceptual-crítica e a simbólico-narrativa. João Duque e Carlos Azevedo são exemplos desse trabalho de conjugação e equilíbrio. Para interpretar teologicamente o

⁷ Duque, *Fátima: Uma aproximação*, 12.

⁸ Cf. António Marujo e Rui Paulo da Cruz, «Para o leitor acrescentar novas perguntas e propor as suas próprias respostas,» em *A Senhora de Maio. Todas as perguntas sobre Fátima* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2017), 20.

acontecimento, a mensagem e a atualização de Fátima são necessárias sempre as duas linguagens: a da racionalidade teológica para evitar derivas fantasiosas, apologéticas, emotivas e irracionais (como pode ser o excesso de dolorismo ligado a uma ideia datada de reparação e sacrifício), e a da poética da narração e do símbolo para salvaguardar dimensões estruturantes da mensagem de Fátima. Da dimensão poético-simbólica da narrativa de Fátima podemos assinalar as seguintes dimensões: o maravilhamento perante a surpresa de Deus, o êxtase perante o belo e o luminoso como expressões transfigurantes do divino no humano, a espontaneidade de viver e de narrar o vivido (o testemunho), a dimensão da vida cumprida no dom de si mesmo pelos outros (fazer sacrifícios), a pacificação e o desejo de paz como expressão de crescimento espiritual.

1.2. *A revista do Santuário Fátima XXI*

Já muito próximo do colóquio e dado o número crescente de publicações de revistas dedicadas ao acontecimento do I Centenário das Aparições de Fátima, pediu-me o Professor Domingos Terra para analisar o material publicado nos núcleos temáticos da revista do Santuário *Fátima XXI*. Trata-se de seis números, publicados entre 2015 e 2017, dedicados a temáticas relacionadas com Fátima, num total de 75 artigos, nem todos com a mesma extensão e importância (científica). Uns são pequenos depoimentos/testemunhos; outros configuram artigos de reflexão com o seu folgo e a sua qualidade científica. A revista privilegia uma dimensão estética, bem presente na qualidade e abundância de fotografias, bem como uma preocupação de diálogo com a cultura contemporânea. Daí a publicação, em cada número, de uma entrevista a uma personalidade significativa da cultura, da política, da reflexão teológica ou da vida eclesial⁹. A intenção é a tradução da mensagem de Fátima em novas linguagens

⁹ Outro critério de leitura, clarificado em sua operacionalidade após a análise dos números da revista, poderia ter sido o que diferentes personalidades opinaram sobre Fátima, enquanto representativas de diferentes áreas do conhecimento, do compromisso político e cívico, ou da vida cultural. Poderia ser um significativo indicador da receção de Fátima, contemporaneamente, pelas elites. Refiro aqui, a título de exemplo, as entrevistas a José Tolentino Mendonça, Pierangelo Sequeri, Eduardo Lourenço, John Macmillan.

significativas para a sensibilidade de hoje. Nem todos os números têm o mesmo folgo científico. Se há a intenção de uma leitura interdisciplinar em cada núcleo temático, convocando várias valências do conhecimento, a nossa apreciação é que a qualidade do resultado final nem sempre é conseguida em todos com o mesmo nível. Também a extensão em páginas e quantidade de artigos (de cada número) se configura desequilibrada no seu conjunto.

Predomina uma leitura espiritual, narrativa, simbólica e poética. Essa era a intencionalidade da publicação, mas é também o sinal do tipo de linguagem que tem prevalecido sobre Fátima prolongando, assim, a densidade narrativa e afetiva originais. Há, contudo, o risco dessa mesma linguagem se tornar numa trincheira a uma necessária racionalidade teológica mais crítica, em sua tarefa de controlar possíveis derivas sentimentalistas e desmontar o excesso de apologética, possíveis desvirtuamentos sempre presentes na atualização do acontecimento-Fátima. Talvez, e esta é uma hipótese de trabalho que aqui deixamos, Fátima, no seu dizer-se e no seu compreender-se, não pode prescindir das duas leituras interpretativas. Uma e outra são necessárias e complementares; a racionalidade crítica do conceito e a narratividade do símbolo e da experiência; o vigor sistemático da reflexão e a poética da experiência vivida.

Sinopse

Caderno temático	Total de artigos	Categorização
Leopoldina Reis SIMÕES (coord.), «Fátima e a comunicação social», in <i>Fátima XXI</i> 3 (maio 2015) 22-99.	18 textos	Comunicação social/(reflexão): 2 História: 2 Estética: 1 Depoimentos pessoais: 13

Caderno temático	Total de artigos	Categorização
Marco Daniel DUARTE (coord.), «A escultura de Nossa Senhora de Fátima: a imagem da imagem», in <i>Fátima XXI</i> 4 (13.10.2015) 28-119.	10 textos + Introdução ao núcleo	História/História de Arte: 6 Estética: 2 Liturgia: 1 Com. Social: 1
Alexandre PALMA (coord.), «No centenário das aparições do Anjo», in <i>Fátima XXI</i> 5 (13.05.2016) 28-105.	7 textos + Introdução ao núcleo	Teologia: 2 Espiritualidade: 2 Filosofia: 1 Literatura: 1 Catequética: 1
Isabel VARANDA (coord.), «O Santo Rosário. Contemplar com Maria a alegria, a luz, a dor e a glória de Cristo», in <i>Fátima XXI</i> 6 (13.10.2016) 28-117.	12 textos + Introdução ao núcleo	História: 2 Teologia: 1 Espiritualidade: 5 Sociologia: 2 Estética: 2
José Rui TEIXEIRA (coord.), «O Imaculado Coração de Maria», in <i>Fátima XXI</i> 7 (13.07.2017) 22-93.	11 textos + Introdução ao núcleo	Espiritualidade: 4 Teologia: 2 Literatura: 4 Estética: 1
José Eduardo FRANCO (coord.), «O Milagre do Sol de 13 de outubro de 2017», in <i>Fátima XXI</i> 8 (13.11.2017) 32-207.	17 textos + Introdução ao núcleo	História: 10 Teologia: 1 Espiritualidade: 3 Física: 1 Literatura: 1 Estética: 1

Ao procurarmos categorizar os diferentes textos de cada caderno temático logo surgiram dificuldades: muitos textos cruzam áreas diferentes

de conhecimento (teologia, espiritualidade, arte/estética, literatura, história, ...), sendo injusto e difícil inscrevê-los numa única categoria. A valorização e convocação de diferentes áreas de conhecimento, na coordenação de cada número, parece ser mais o reflexo da sensibilidade do próprio coordenador do que um critério objetivo transversal da revista. Raros são os números que conseguem um equilíbrio interdisciplinar. O número que se apresenta com maior equilíbrio na convocação de saberes complementares é o 5, sobre o ciclo das aparições do Anjo, coordenado por Alexandre Palma. O caderno temático do no. 8, sobre o milagre do sol, coordenado por José Eduardo Franco, não só é, de todos, o que se apresenta mais extenso, como aquele que apresenta uma acentuada valorização da dimensão histórica (10 textos num total de 17). Não surpreende também que o núcleo relativo ao Rosário (no. 6), coordenado por Isabel Varanda, tenha valorizado, sobretudo, a espiritualidade (5 textos sobre 12). Como não espanta, também, que o no. 4, dedicado à imagem de Nossa Senhora de Fátima e coordenado pelo historiador de arte Marco Daniel Duarte, tenha valorizado a dimensão estética e a história de arte (6 textos sobre 10). Curioso é, sem dúvida, o equilíbrio entre textos integrados no âmbito da espiritualidade (4) e textos no âmbito da literatura (4) no caderno temático dedicado ao Imaculado Coração de Maria, coordenado por José Rui Teixeira. Se a estes somarmos os textos integrados no âmbito da literatura, podemos concluir que o número apresenta, claramente, uma valorização da dimensão narrativa de Fátima. O no. 3, dedicado à relação da Comunicação Social com Fátima, recolhe, sobretudo, depoimentos/reflexões pessoais/testemunhos breves (não mais de duas páginas) de jornalistas, a partir dos vários meios de comunicação social (13 textos sobre 18). A dimensão narrativa, também aqui, não está ausente.

Totais por áreas de conhecimento

Áreas de conhecimento	Total de 75 textos
História/História de Arte	20
Comunicação Social	16 (14 textos num só número, no. 3)
Espiritualidade	14
Estética	7
Teologia	6
Literatura	6
Sociologia	2
Filosofia	1
Física	1
Liturgia	1
Catequética	1

A partir da soma dos textos dos seis números em análise, emerge o próprio âmbito privilegiado por *Fátima XXI*, a estética juntamente com a história de arte, num total de 27 textos. Vêm a seguir os textos que relacionam Fátima com a Comunicação Social (16). Este valor não é indiferente para a compreensão da dimensão narrativa de Fátima, do modo e dos meios pelos quais se comunica e se narra, é recebida (interpretada). Pela sua dimensão experiencial, vivencial, orante e celebrativa, os textos no âmbito da espiritualidade emergem como terceiro grupo mais significativo (14). A dimensão vivencial apresenta-se aqui mais frequentada do que a reflexão teológica. Significativo é também o equilíbrio entre textos no âmbito da reflexão teológica (6) e no âmbito da literatura (6), dimensões importantes e complementares numa hermenêutica do acontecimento-Fátima. Salvos raros números, parece que a reflexão

teológica foi um parente pobre na construção do diálogo interdisciplinar nos diferentes números publicados entre 2015 e 2017, sobretudo nos cadernos temáticos. O contributo das ciências sociais e humanas é reduzido (1 texto no âmbito da filosofia, 2 no âmbito da sociologia). Não são convocadas nem a antropologia nem a psicologia. Nesta procura de uma hermenêutica plural de Fátima fica por integrar um contributo mais significativo das ciências humanas.

2. O regresso à narrativa fundadora

As atuais publicações teológicas integradas no contexto de celebração do I Centenário são um significativo indicador de uma tendência que se tem vindo a afirmar desde a queda do muro de Berlim (1989) e da beatificação dos Pastorinhos no ano 2000: a reafirmação da dimensão narrativa originária, tanto quanto possível a partir das fontes disponíveis. Valoriza-se a dimensão antropológica própria dos protagonistas, a sua psicologia, as suas experiências, o seu sentir¹⁰. Saliento aqui a obra de Jean-François de Louvencourt, *A Arte de se Maravilhar com Francisco e Jacinta de Fátima* (Paulinas 2017) em que o autor, monge cisterciense belga nos apresenta uma visão da vida dos Pastorinhos, nas suas diversas perspetivas (relação com a natureza, a família, o sofrimento, a experiência da doença e a aproximação da morte, a esperança na vida eterna) marcada pela atitude de um permanente «embaralhamento», essa capacidade de se extasiar perante a existência das coisas e das pessoas, de reconhecer a gratuidade do que existe e vem a nós, para além da nossa vontade. Esse regresso a uma antropologia existencial dos Pastorinhos propõe-se como paradigma para que também o crente, ou o peregrino, a partir das suas próprias vivências e condição existencial possa reelaborar um itinerário crente e, assim, se apropriar pessoalmente da mensagem de Fátima.

A máxima expressão deste regresso/valorização da dimensão existencial dos Pastorinhos e da dimensão antropológica/narrativa/biográfica

¹⁰ Carlos A. Moreira Azevedo, *Fátima. Das visões dos Pastorinhos à visão cristã* (Lisboa: A Esfera dos Livros, 2017), 120-141, apresenta os traços biográficos dos videntes, a partir de uma leitura histórica, com recurso a atualizada bibliografia.

das aparições é a canonização de Francisco e Jacinta, o reconhecimento da exemplaridade da santidade de duas crianças como caminho possível de vida cristã proposta para toda a Igreja¹¹. Se, por um lado, se regressa ao humano destas crianças, por outro afirma-se a transfiguração da sua humanidade (a santidade) num caminho de evolução, de encontro entre a liberdade e a graça, num tempo brevemente cumprido (pois o tempo que medeia entre as aparições e a morte de Francisco e Jacinta pouco passa de dois anos). Resume, assim, D. António Marto os traços biográficos de Francisco, com sóbria e precisa linguagem narrativa, ao pedir ao Papa Francisco a sua canonização:

«Do perfil de Francisco sobressai o seu jeito pacífico e sereno. A partir das aparições do Anjo e de Nossa Senhora desenvolverá um estilo de vida caracterizado pela adoração e pela contemplação. Sempre que podia, refugiava-se num lugar isolado para rezar. Frequentemente, passava longas horas no silêncio da igreja paroquial, junto ao sacrário, para fazer companhia a “Jesus escondido”. Na sua intimidade de Deus, Francisco entrevê um Deus triste face aos sofrimentos do mundo; sofre com Ele e deseja consolá-lo. Sendo o mais contemplativo dos três videntes, a sua vida de oração alimenta-se da escuta atenta do silêncio em que Deus fala. Deixa-se habitar pela presença indizível de Deus – “Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era!” – e é a partir dessa presença que acolhe os outros na oração.»¹²

De Jacinta, afirma ainda D. António Marto:

«Jacinta tinha um carácter carinhoso e expansivo. Tocada pelas aparições do Anjo e da Mãe de Deus deixa-se impressionar, sobretudo

¹¹ Vai nesse sentido a obra de Manuel Fernando Silva, *Pastorinhos de Fátima* (Prior Velho: Paulinas, 2015).

¹² António Marto, «Biografia dos Pastorinhos,» em *Papa Francisco em Fátima. Orações, homilias, saudações e mensagens* (Lisboa: CEP, 2017), 31.

pelo sofrimento dos “pobres pecadores” e pela missão e sofrimento do Santo Padre. De facto, após esses encontros com o Céu, vive completamente esquecida de si, oferecendo orações e sacrifícios para bem de todos quantos sofrem. A sua espiritualidade é caracterizada pela entrega generosa de si, como um dom para os demais, Todos os pequenos gestos do seu dia, inclusive as contrariedades na doença, eram motivo de oferta a Deus pela conversão dos pecadores e pelo Santo Padre. Partilhava a sua merenda com os pobres, oferecendo o jejum em sacrifício como sinal da sua disponibilidade para ser totalmente de Deus. Característica fundamental da sua espiritualidade era a compaixão, especialmente pelos que sofriam e pelos que viviam afastados de Deus.»¹³

Por seu lado, declara o Papa Francisco na homilia da sua canonização em Fátima, a 13 de maio de 2017:

«Como exemplo, temos diante dos olhos São Francisco Marto e Santa Jacinta Marto que a Virgem Maria introduziu no mar imenso da Luz de Deus e aí os levou a adora-Lo. Daqui lhes vinha a força para superar contrariedades e sofrimentos. A presença divina tornou-se constante nas suas vidas, como se manifesta claramente na súplica instante pelos pecadores e no desejo permanente de estar junto a “Jesus escondido” no Sacrário.»¹⁴

A beatificação e posterior canonização das duas crianças videntes de Fátima é acontecimento novo na história da Igreja, que acontece não sem resistência e a partir de um lento discernimento. Significa a clara afirmação de que a vivência da santidade evangélica não tem idades definidas; pode acontecer no concreto, nos limites e na abertura própria da infância. A vida cristã dos Pastorinhos propõe-se como exemplar para a

¹³ António Marto, «Biografia dos Pastorinhos,» 31-32.

¹⁴ Papa Francisco, «Homilia da missa com o rito de canonização de Francisco e Jacinta Marto,» em *Papa Francisco em Fátima*, 37.

existência crente. Como afirma o ensaísta Eduardo Lourenço, em entrevista a *Fátima XXI*:

«Quando lemos o Evangelho, vemos como a criança é dada como modelo a imitar. Ela é o que a humanidade tem de mais precioso. Todos fomos crianças. A infância é eterna e, por isso, esta paixão e exaltação do momento mais inicial da humanidade é uma leitura autêntica, porque o homem é filho da infância e se não a conservamos morremos. É a infância que nos conserva.»¹⁵

Na narrativa do acontecimento-Fátima, Lúcia é a figura central. Foi a única testemunha viva a guardar e a comunicar a experiência fundadora de 1917. E isso deu-lhe um profundo sentido de missão, narrando e reinterpretando, nos escritos sucessivos das suas memórias, os acontecimentos que guardava e interpretava em novos contextos históricos, eclesiais e existenciais. A principal fonte para a compreensão de Fátima são *As Memórias*, da Irmã Lúcia. A memória é, por si mesma, um género literário narrativo e autobiográfico. O sujeito narrante, regressando à arca da memória por entre esquecimentos e lembranças, elabora uma recomposição da experiência vivida, aquela que recorda e interpreta (conta) a partir dos estados de consciência do presente. Como afirma Carlos Moreira Azevedo, «é significativo que o género literário das memórias seja o fundamental para narrar o acontecimento [Fátima]»¹⁶. Por seu lado, escreve o teólogo bracarense João Duque, «o conhecimento aprofundado daquela experiência que originou outras experiências é-nos dado, essencialmente, a partir das suas memórias. É impossível, pois, compreender Fátima sem as suas narrativas que, na simplicidade da escrita, são pormenorizadas e muito coloridas, revelando grande capacidade de análise e um notável

¹⁵ Eduardo Lourenço, «Fátima: resposta a uma desesperança da humanidade,» *Fátima XXI* 8 (13.11.2017): 214-215.

¹⁶ Azevedo, *Fátima. Das visões dos Pastorinhos à visão cristã*, 119.

equilíbrio na interpretação dos acontecimentos»¹⁷. *As Memórias* são uma fonte autobiográfica, existencial, narrativa, em que a própria vidente, duas décadas depois, apresenta a sua descrição dos acontecimentos que recorda, já reinterpretados a partir de novas vivências, de novas aberturas culturais, com uma outra solidez na linguagem que na altura não possuía, num contexto histórico posterior, onde se integra a tragédia da Guerra Civil de Espanha e o início da II Guerra. Fátima é, fundamentalmente, um acontecimento narrativo, uma biografia crente, que é sempre interpretação, testemunho, vivência, dizer de uma experiência na linguagem possível que jamais a esgota.

Pelo seu contexto de vida, condição de pobreza, analfabetismo, isolamento no interior do País, «era pouco provável que as suas histórias viessem a desempenhar um papel significativo na história do País e, muito menos, na história global da humanidade»¹⁸. Cada um dos Pastorinhos tem a sua singularidade humana, a sua personalidade, mas cada um experimenta também uma singularidade na santidade, em que a sua humanidade se abre cada vez mais a Deus e aos outros, em que as suas vidas se cumprem em doação, acolhendo com serenidade a própria morte. Apresentando uma síntese da singularidade dos videntes e do seu contributo pela renovação do mundo, escreve D. Carlos Azevedo: «São criaturas frágeis, vulneráveis e limitadas, geográfica e culturalmente, que intervem na História do século xx: a implorar a paz pela oração perseverante, pela adoração e pelo sacrifício que descentram de si; a viver a atitude reparadora capaz de reconstruir o resultado do caos humano; a apelar à conversão ao essencial que conduz à construção de um novo mundo.»¹⁹

3. Uma narrativa aberta a novas interpretações (narrativas)

Se é, hoje, impossível narrar Fátima prescindindo dos textos das *Memórias*, os mesmos (em suas diferentes versões e acrescentos) requerem um aturado trabalho de interpretação. Em si mesma, Fátima configura-se

¹⁷ Duque, *Fátima: Uma aproximação*, 34.

¹⁸ Duque, *Fátima: Uma aproximação*, 23.

¹⁹ Azevedo, *Fátima. Das visões dos Pastorinhos à visão cristã*, 119.

como um acontecimento interpretativo, quer na narrativa dos acontecimentos fundadores, quer em sua apropriação pessoal e eclesial. Como acontecimento narrativo Fátima oferece-se a contínuas reinterpretações e apropriações. Isso que, do ponto de vista do rigor histórico, pode apresentar alguma fragilidade, é a sua riqueza do ponto de vista existencial e afetivo. É trabalho impossível e inglório fixar, com objetividade, a experiência fundadora dos videntes, ou porque dois deles nada deixaram escrito, ou porque o que ficou escrito é o resultado de sucessivas (re)elaborações e (re)escrituras. Mas Fátima não é apenas um acontecimento de interpretações plurais em sua experiência e narrativa fundadora, é-o também nas sucessivas apropriações subjetivas, pessoais e comunitárias ao longo destes 100 anos. Fátima é a possibilidade de cada pessoa se narrar, se dizer, se integrar numa narrativa coletiva, sem sacrificar nada de pessoal.

Como escreve o jornalista Joaquim Franco, «A história de Fátima é também a história de cada uma das pessoas que ali se deslocam diariamente. O fenómeno é coletivo e simultaneamente individual. O local e a devoção transformaram-se há muito num símbolo “extra eclesial” e “extra cristão”, embora a difusão do fenómeno esteja ancorado numa Mensagem de Fátima teologicamente fixada e enquadrada, sustentada na narrativa devocional mariana»²⁰. O acontecimento fundador oferece-se, continuamente, a novas e permanentes narrativas existenciais. Dirigindo-se a pé para Fátima, percorrendo os lugares evocativos, entrando de corpo e alma na comunhão celebrativa dos gestos, ou expressando a sua singularidade em gestos e percursos pessoalíssimos que só os próprios sabem interpretar, cada peregrino, ou cada visitante, faz uma apropriação pessoal da narrativa de Fátima. E através dela narra-se a si mesmo numa elaboração de sentido para os seus dramas, o seu corpo sofrido, os seus fracassos e promessas, as suas dores e alegrias, os seus impasses e recomeços. Nessa sua narrativa, pessoalíssima e subjetiva que se configura

²⁰ Joaquim Franco, «Fátima, equívocos e deslumbramento de um símbolo mediático,» *Fátima XXI* 3 (maio 2015): 67.

na expressão de um corpo orante, em movimento, em esforço, em luta com os seus próprios limites e resistências, os peregrinos experimentam sentidos novos para os seus dramas, sentem o consolo da visita de Deus, reconciliam-se com as próprias feridas, oferecem-se pela paz no mundo, transfiguram as suas existências. O peregrino é uma parábola viva de Fátima.

Fátima. Sou peregrino, de António Rego, é bem a expressão, quer em termos pessoais, quer em termos de proposta vivencial/espiritual, de como o peregrino é uma narrativa ao vivo, em sua própria carne, da narrativa fundadora de Fátima, a experiência de fé dos Pastorinhos. O livro oferece a possibilidade de uma linguagem narrativa para o próprio peregrino se narrar e, assim, melhor elaborar o sentido da sua peregrinação. Pelo olhar de jornalista atento ao pormenor e à intensidade dos gestos, à expressão dos rostos, aos movimentos do corpo, ao sentir das multidões, à história individual de cada peregrino, o livro, além da sua finalidade pastoral/espiritual, pode ajudar ainda na narração de uma fenomenologia do peregrino. Escreve António Rego: «Com as velas se percebe o tom quente do rosto, o brilho dos olhos, as veias das mãos, as contas do rosário, o percurso de alguma lágrima, a verdade do peregrino que não se exprime para ser visto, mas acaba por revelar um estado de alma através do conjunto de tons, sombras e luz que oferece.»²¹ A obra apresenta, em nossa leitura, uma valência antropológica na narrativa de Fátima como «hermenêutica plural». Cada peregrino é ele mesmo uma narração pessoalíssima, concreta e encarnada de Fátima, colocando em sua narrativa corpo, interioridade, alma inteira, sentir e viver, dor e alegria... «Fátima é plural, escuta e responde a diferentes estados de alma e caminhadas de fé»; é metáfora da Igreja em caminho; «é um lugar para ser vivido com alma»²².

A valência antropológica da narrativa de Fátima na contemporaneidade é reconhecida, a partir de pontos de vista diferentes, por dois

²¹ Rego, *Fátima. Sou peregrino*, 99.

²² Rego, *Fátima. Sou peregrino*, 64; 167.

prestigiados intelectuais portugueses: o ensaísta e filósofo Eduardo Lourenço e o teólogo biblista e poeta Tolentino Mendonça. Um e outro são intérpretes atentos da dimensão existencial de Fátima. Para Eduardo Lourenço, os peregrinos movem-se (no exterior e no interior) para Fátima por algo que não é da ordem material imediata. O que move os peregrinos é da ordem do simbólico, das motivações decisivas e fundamentais do viver humano. É a busca de um sentido esperançoso para a existência, ameaçada pela sua dramaticidade e vulnerabilidade. «[Fátima] é um fenómeno que já não tem uma mera conotação religiosa, mas que expressa as dificuldades da humanidade em todos os sentidos. As pessoas que vêm, vêm para pedir coisas, para agradecer... é qualquer coisa que tem de ser muito estudada. O fenómeno transcende o nosso conhecimento.»²³ Sem deixar de se enquadrar na ritualidade própria do religioso, as motivações do peregrino são, fundamentalmente, de ordem antropológica e existencial, enquadradas e simbolicamente expressas através dos espaços e dos ritos religiosos. Pertencem àquela ordem que poderíamos definir de uma antropologia radical, em que se procura e elabora o sentido decisivo do humano, a partir do quotidiano e das coisas básicas. Escreve Eduardo Lourenço: «Não tenho uma chave de leitura teológica ou social, mas diria que as pessoas vão a Fátima a partir de coisas básicas: a dor, as tragédias íntimas ou coletivas. Vai-se para obter uma resposta que é uma espécie de mensagem de confiança num futuro menos dramático.»²⁴

Tolentino Mendonça apresenta Fátima como um lugar de recomeços, qual ponto de encontro e de convergência de sedentos, de homens e mulheres que, nos dramáticos caminhos existenciais da sede e da carência, se colocam, de corpo inteiro, numa procura feita marcha. Fátima pode ser interpretada, existencialmente, com as categorias da procura, do desejo e da sede. Escreve o teólogo biblista: «Fátima tem sido um abate muros, um derruba fronteiras, é sem dúvida um polo magnético de todos os que procuram, de todos os sedentos, e é um ponto de referência para a

²³ Eduardo Lourenço, «Fátima: resposta a uma desesperança da humanidade,» *Fátima XXI* 8 (13.11.2017): 211-212.

²⁴ Lourenço, «Fátima: resposta a uma desesperança da humanidade,» 213.

inquietação espiritual. Não é em vão que tantos, por uma curiosidade, ou por um desejo ainda por trabalhar, ou em estádios embrionários do seu caminho interior, começam por Fátima. E Fátima é um bom lugar para começar.»²⁵ Evoca Vitorino Nemésio como «um momento importante para interpretar Fátima» enquanto ponto de encontro entre o humano e o divino, entre o antropológico e o teológico: «Ele escreve que em Fátima os caminhos do humano se encontram com o divino e que em Fátima a nossa humanidade passa a valer mais: dizer isto é perceber o que Fátima é.»²⁶ Nas profundezas da inquietação humana inscreve-se um radical desejo de Deus, e a partir da encarnação do Filho de Deus que é Jesus Cristo não há nada do humano que seja exterior ao próprio Deus. A inquietação, a procura, o desejo, a dor, a perda, a vulnerabilidade, a carência, a festa, a solidariedade, a partilha... valem mais. Pelos caminhos inesperados e até custosos da itinerância humana (quando não errância), Fátima assinala, e até mesmo revela à consciência própria de cada peregrino, a radical abertura espiritual e transcendente do humano, e como este é abraçado misericordiosamente pelo próprio Deus.

4. O corpo na narrativa de Fátima

Quer em seus acontecimentos fundadores, sobretudo no fim dramático da vida de Francisco e Jacinta marcado pela doença e pela morte precoce, quer na manifestação das multidões que, desde a primeira hora, encontraram na mensagem de Fátima um modo de dar sentido à dramática da existência, quer na experiência atual dos peregrinos, há uma irrenunciável inscrição corpórea. A narrativa de Fátima afirma-se, desde as origens, como uma narrativa em carne viva, que integra a densidade, as contradições, os dramas da própria existência vividos e expressos de corpo inteiro. O percorrer a pé, com esforço, na superação dos próprios limites, o medir-se com as próprias forças, medos, feridas interiores, com a resistência do caminho, a densidade dos gestos pessoais, por vezes

²⁵ José Tolentino Mendonça, «Fátima é um livro do desassossego,» *Fátima XXI* 6 (12.12.2016): 135.

²⁶ Mendonça, «Fátima é um livro do desassossego,» 139.

excessivos, duros e violentos, colocando o corpo em esforço e em tensão, em prova de resistência e em condição de oferta, fazem de Fátima uma narrativa que se conta, em primeira pessoa, na carne do próprio corpo posto em ação, em movimento, em êxodo (saída de si) e em prova.

O peregrino, com o seu envolvimento corpóreo, dá carne, densidade existencial, à narrativa de Fátima que nele se incorpora e em seu próprio corpo se atualiza de modo tão pessoal e íntimo. Nos gestos pessoais, cada peregrino se narra perante Deus, e todo o seu corpo, no silêncio, nas lágrimas, no esforço, no movimento tenso, no canto, nas preces é um dizer-se. O seu corpo cumpre-se, nos itinerários do Santuário, nos gestos comuns das celebrações comunitárias ou no silêncio íntimo dos gestos pessoais, como templo vivo. É corpo em dádiva de si, linguagem orante que envolve todo o ser e sentir da pessoa. Cada gesto é a revelação de uma inteireza, epifania de uma história de vida, reconciliação com as feridas pessoais, expressão de uma solidariedade orante, de uma economia de benevolência e de doação. Fátima é celebrada como uma experiência corpórea que envolve os sentidos, o tocar, o andar, o ouvir, o ver, o cantar, o falar. Cumpre-se como experiência envolvente da sensibilidade e da afetividade do crente.

A gestualidade que marca a apropriação e a encarnação pessoais da narrativa de Fátima são a confirmação, e ali a manifestação, de que a experiência crente (e toda a experiência religiosa) não deve fazer economia do sentir corpóreo da pessoa. Desde a sua origem popular católica, Fátima é a afirmação da dimensão afetiva, sensível e corpórea que marca as entranhas do catolicismo, não isento de possíveis derivas emotivas e devocionais, não podendo prescindir, por isso, de uma inteligência crítica da fé. Fátima nasceu acontecimento popular, corpo em marcha de um povo que procura, por curiosidade, por fé, por magia... Desde as origens, gente de todas as classes sociais encontrou na narrativa dos Pastorinhos um modo de dizer e dar expressão ao seu próprio drama, de encontrar sentido para a sua dor e para as suas carências. Se o seu corpo em marcha é um corpo sofrido, esse mesmo corpo é carne significativa: cada gesto corpóreo é símbolo de uma relação, de uma mediação, de uma aliança

entre o humano e o divino, o finito e o transcendente, o material e o espiritual, entre a miséria e misericórdia, o pecado e a graça. A expressão corpórea, tão viva e intensa (por vezes mesmo violenta), na narrativa de Fátima, é bem o indicador antropológico que a fé é experiência interior, pessoalíssima, a manifestar-se num corpo vivente, em ação.

O peregrino cumpre-se como corpo em marcha, em movimento, em encenação. Nos gestos e nos ritos, pessoais ou comunitários, em sua própria carne viva, o peregrino narra os seus dramas, a sua procura, dá expressão aos seus desejos, dores e inquietações. Como escreve Elmar Salmann, «o rito é necessário para representar e encaixar os dramas da existência, as peripécias do corpo e as intrigas entre o espírito e carne.»²⁷ O corpo do peregrino é a história encarnada de toda uma vida inteira que procura sentido e decifração simbólica na aliança com o Deus da misericórdia e da compaixão. É o preciso lugar, sem hesitação, sem máscara e sem fraude, do encontro entre Deus e o Homem, experimentando-se como caminho salvífico de Deus para o Homem e do Homem para Deus no concreto da sua história²⁸.

Fátima, como narrativa pessoal, cumpre-se, existencialmente, como *passio corporis*/paixão do corpo, como encontro redentor na fragilidade do humano, como elevação a partir dos limites da existência. Aquela dificuldade que encontramos no catolicismo moderno de tomar o ser humano pelo concreto da sua corporeidade, do seu sentir encarnado, é superada na vivência corpórea do peregrino e na liturgia proposta pelo Santuário, como narrativa simbólica do acontecimento fundador e de sua atualização/incorporação no presente. Fátima convoca a um inteligir a partir da sensibilidade; a um pensar com corpo e alma; permanece uma provocação, como já o foi na época, a todos os sistemas mentais e lógicos, sem carne nem densidade existencial, que marcam alguma espiritualidade contemporânea, a que podemos chamar, na linguagem do Papa Francisco, a permanente tentação «gnóstica». E, por isso, Fátima pode ser

²⁷ Elmar Salmann, *La palabra partida. Cristianismo y cultura postmoderna* (Madrid: PPC, 1999), 35.

²⁸ Cf. Adolphe Gesché and Paul Scolas (Eds.), *Le corps chemin de Dieu* (Paris: Ed. du Cerf, 2005).

interpretada como uma convocação à integração da sensibilidade e dos afetos na experiência crente. Nas palavras do teólogo italiano Pierangelo Sequeri, «a sensibilidade é o modo através do qual o espírito sente»²⁹.

Conclusão

Quer na experiência fundadora dos Pastorinhos, quer nas narrativas sucessivas dos peregrinos, Fátima configura-se como um acontecimento interpretativo em aberto. É uma narrativa que origina novas narrativas. Do *corpus* bibliográfico por nós analisado emergem duas conclusões: predomina uma dimensão narrativa (uma teologia espiritual) completada com uma reflexão sistemática e crítica; valoriza-se uma dimensão antropológica e existencial, quer na experiência dos videntes, quer na dos peregrinos. Na narrativa existencial de Fátima assinala-se uma complementaridade entre a linguagem simbólico-poética e a linguagem conceptual-crítica. O acontecimento fundador oferece-se, continuamente, a novas narrativas existenciais, numa apropriação pessoal e subjetiva da grande narrativa coletiva. Outra dimensão que assinalamos é a inscrição corpórea do acontecimento Fátima, quer na biografia dos Pastorinhos, quer na biografia de cada peregrino que no espaço do Santuário inscreve, carnalmente, a sua própria vida. Por isso mesmo Fátima oferece e possibilita uma integração dos afetos e da sensibilidade na experiência crente contemporânea.

Bibliografia

- Aletti, Jean-Noël. *El arte de contar a Jesucristo*. Salamanca: Sígueme, 1992.
- Duque, João Manuel. *Fátima: Uma aproximação*. Prior Velho: Paulinas, 2017.
- Falque, Emmanuel. «Expérience et empathie chez Bernard de Clairvaux.» *Revue des Sciences Philosophiques et Religieuses* 5 (2005): 655-696.
- Falque, Emmanuel. *Le livre de l'expérience*. Paris: Cerf, 2017.
- Franco, Joaquim. «Fátima, equívocos e deslumbramento de um símbolo mediático.» *Fátima XXI* 3 (2015): 67.

²⁹ Pierangelo Sequeri, «Fátima: modelo eclesial para o futuro,» *Fátima XXI* 3 (maio 2015): 119.

- Geffré, Claude. *Croire et interpréter. Le tourant herméneutique de la théologie*. Paris: Cerf, 2001.
- Geffré, Claude. *Le christianisme au risque de l'interprétation*. Paris: Cerf, 1983.
- Gesché, Adolphe, e Paul Scolas (Eds.). *Le corps chemin de Dieu*. Paris: Ed. du Cerf, 2005.
- Leal, Luís Manuel. *A Teologia como «Memória narrativa». Uma releitura da proposta teológico-fundamental de Johann Baptist Metz*. Porto: Sindéresis, 2017.
- Lourenço, Eduardo. «Fátima: resposta a uma desesperança da humanidade.» *Fátima XXI* 8 (2017): 214-215.
- Magalhães, António Carlos. «Narrativa e hermenêutica teológica.» *Revista Caminhando* 7 (2002): 6-22.
- Marto, António. «Biografia dos Pastorinhos.» Em *Papa Francisco em Fátima. Orações, homilias, saudações e mensagens*. Lisboa: CEP, 2017.
- Mendonça, José Tolentino. «Fátima é um livro do desassossego.» *Fátima XXI* 6 (2016): 135.
- Metz, Johann Baptist. «Breve apología de la narración.» *Concilium* 85 (1973): 222-238.
- Papa Francisco. «Homilia da missa com o rito de canonização de Francisco e Jacinta Marto.» in *Papa Francisco em Fátima*, 37. Lisboa: CEP, 2017.
- Ricoeur, Paul. *L'herméneutique biblique*. Présentation et traduction par François-Xavier Amherdt. Paris: Cerf, 2005.
- Salmann, Elmar. *La palabra partida. Cristianismo y cultura postmoderna*. Madrid: PPC, 1999.
- Sequeri, Pierangelo. «Fátima: modelo eclesial para o futuro.» *Fátima XXI* 3 (maio 2015): 119.
- Silva, Manuel Fernando. *Pastorinhos de Fátima*. Prior Velho: Paulinas, 2015.
- Theobald, Christoph. «I raconti di Dio.» *Il Regno/Attualità* 2 (2010): 50-62.
- Weinrich, Harald. «Teologia narrative.» *Concilium* 85 (1973): 210-221.

Artigo recebido a 24.10.2018 e aprovado a 14.10.2019.